



Pixar 40 anos: **AO INFINITO E ALEM!**

Responsável por **revolucionar o mercado das animações mundiais**, introduzindo e desenvolvendo a **tecnologia do 3D** nos cinemas, a **Pixar completou 40 anos** de fundação nesta semana. Dono de clássicos como as franquias **“Toy Story”, “Procurando Nemo”, “Carros”, “Monstros S.A.”, “Divertida Mente”** e muitas outras, o estúdio chega a 2026 com mais uma animação original, **“Cara de Um, Focinho de Outro”, e “Toy Story 5”**. Conheça as origens de um dos **estúdios mais criativos da história** do cinema. **Páginas 2 e 3.**



Com tecnologia revolucionária, a Pixar virou referência no mercado de animações e eternizou dezenas de personagens nos corações dos milhões de fãs mundo afora

Nerds

que viraram cineastas

Pixar começou produzindo computadores, mas após reuniões com Francis Ford Coppola e George Lucas, rumou de vez para o cinema

PEDRO SOBREIRO

Fundada oficialmente em 3 de fevereiro de 1986, a Pixar Animation Studios nasceu em 1974, quando Alexander Schure, fundador do Instituto de Tecnologia de Nova York, reuniu Edwin Catmull, Malcolm Blanchard, David DiFrancesco e Alvy Ray Smith, os cientistas da computação mais brilhantes que conhecia para tentar realizar seu sonho: fazer um filme completamente animado em um computador.

Esses nerds da computação sabiam que estavam destinados a fazer história, mas estavam limitados. Após reuniões com George Lucas, o pai de "Star Wars", e Francis Ford Coppola, diretor de "O Poderoso Chefão", em que compartilharam como enxergavam o futuro do cinema, o quarteto aceitou a proposta de trabalhar em um



"As Aventuras de André e Wally B." foi o primeiro curta em 3D gerado por computador na história do cinema

estúdio de cinema: a Lucasfilm, lar de obras como "Star Wars" e "Indiana Jones". Eles passaram a integrar o "Graphics Group" da Lucasfilm, o setor de computadores, em que os funcionários desenvolviam softwares e hardwares para animar elementos que seriam usados nos cinemas e na TV, os famosos efeitos especiais. A partir daí as tecnologias desenvolvidas começaram a se aprimorar, fazendo com que o sonho do primeiro filme animado inteiramente por computador, se aproximasse de virar realidade.

Em 1983, um jovem John Lasseter foi contratado para fazer um freelancer que duraria apenas semana na Lucasfilm. Ele, porém, se integrou aos nerds do grupo e não se desgrudou mais, sendo o responsável por desenvolver "As Aventuras de André e Wally B.", o primeiro curta-metragem que

utilizou animação 3D gerada por computador na história, que foi lançado em 1984.

"Ed Catmull e Alvy Ray Smith me pediram para pensar em como seria o visual de um personagem feito com formas geométricas simples. Esferas, cones, cilindros, caixas... Esse tipo de coisa. Mas comecei a ver a simplicidade com que Ub Iwerks fazia os primeiros desenhos do Mickey Mouse. E comecei a desenhar o que acabou sendo o André, um personagem feito com formas simples", contou John Lasseter nos bastidores do DVD de Curtas da Pixar.

O curta foi revolucionário. A história de poucos segundos

do bonequinho fugindo de uma abelha na floresta provou que era possível utilizar essa tecnologia para contar histórias, mesmo que simples. E o computador, que se chamaria "Pixar", foi apelidado de "Pixar" por remeter ao termo em espanhol para "criar imagens".

Causando furor nas convenções de tecnologia, o Pixar viu seus primeiros dias de fama serem usados principalmente por agências do governo americano, como a NASA. Em 1986, após a Lucasfilm sofrer com a queda nas receitas pós-Star Wars, o "Graphics Group" se separou do estúdio e deu origem à Pixar. Enquanto buscava investidores, a Pixar acabou cruzando o caminho do visionário Steve Jobs, que comprou a empresa por 5 milhões de dólares e passou a investir.

Seus primeiros dias foram volta-

dos para a produção de comerciais de TV, que eram a principal fonte de renda na época, e eles fizeram muito sucesso. Com comerciais animados em 3D ganhando prêmios e mais prêmios, a empresa começou a chamar atenção.

Até que, ainda em 1986, John Lasseter trouxe à vida "Luxo Jr.", o curta-metragem de duas luminárias que brincavam uma bola, transmitindo emoções sem precisar de falas ou rostos humanos. O curta foi um fenômeno e reavivou o sonho de fazer um filme. Nos cinemas, o Walt Disney Studios adquiriu o computador da Pixar para ajudar a automatizar a técnicas da animação 2D. A primeira obra produzida com essa tecnologia foi "Bernardo e Bianca na Terra dos Cangurus".

O problema é que esse interesse despertado não estava



Brinquedos vão enfrentar a chegada avassaladora da tecnologia na rotina infantil em "Toy Story 5"



"Cara de Um, Focinho de Outro" acompanha uma jovem que transfere sua mente para o corpo de um castor robótico

se convertendo em vendas. Até que, em 1990, a Pixar parou de produzir computadores e focou em desenvolver apenas ferramentas de animação 3D, enquanto desenvolvia uma parceria com a Disney para desenvolver projetos animados.

Assim, em 1991, a Disney investiu cerca de 26 milhões de dólares para que a Pixar produzisse três filmes gerados por computador. A ideia original era que o primeiro filme fosse um especial de Natal. Porém, John Lasseter e os outros animadores forçaram com os executivos e convenceram os engratados da Disney a aprovarem um longa-metragem. E assim nasceu "Toy Story". Lançado em 1995, o longa se tornou a primeira animação 3D animada 100% em computador na história do cinema. O filme foi um

fenômeno de crítica e bilheteria, arrecadando mais de 373 milhões de dólares ao redor do mundo.

Em entrevista ao BAFTA, Pete Docter, Chefe Criativo da Pixar desde 2018, contou um pouco mais sobre seus primeiros dias e seu envolvimento em "Toy Story".

"Eu estava em San Rafael, na Califórnia, e me lembro de sentar em frente aos gráficos e vetores na tela do computador, tentando descobrir como tudo aquilo funcionava com todos aqueles números, e eu só conseguia pensar: 'onde eu fui me meter?' [risos]. No começo, éramos apenas dez funcionários, então todo mundo fazia um pouco de tudo. Quer dizer, eu escrevia um pouco e fazia modelagens e animações em geral. Eu fui contratado principalmente para cuidar da movimentação nos personagens. Mas a verdade é que todo mundo fazia um pouquinho de tudo, porque não tínhamos muita gente na

equipe", explicou.

"Meu primeiro trabalho na Pixar foi em um comercial da Listerine. A garrafa do enxaguante bucal estava lutando boxe. Na época, a Pixar já havia feito uns quatro curtas-metragens, e na minha cabeça, eu entraria na casa para fazer mais curtas. Só que, em vez disso, eu acabei fazendo comerciais de TV, que eventualmente me levaram a trabalhar em um projeto que seria um especial de Natal inicialmente, mas que acabou se transformando no primeiro Toy Story", completou.

A partir de "Toy Story", as ações da Pixar passaram a se valorizar e o mercado de animações de Hollywood voltou seus olhos para aquela empresa. Finalizado o primeiro filme, eles não poderiam parar. Precisavam bolar o próximo sucesso. Paralelamente a isso, o acordo com a Disney, que bancava parte dos filmes e cuidava da distribuição não estava mais sendo vantajoso para a Pixar, que não ti-

“Nossos diretores precisam encontrar elementos que façam o público se surpreender, mas também consiga reconhecer sua própria humanidade na tela”

PETE DOCTER

na os direitos sobre histórias e personagens que criava e ainda pagava taxas ao estúdio do Mickey. Porém, eles tinham um contrato.

Conforme os novos filmes foram estreando e se consagrando nas premiações entre o fim dos anos 90 e o início dos anos 2000, a Pixar acabou ficando maior que a própria Disney. Eles viraram referência e sua "fórmula" de contar histórias passou a ser a galinha dos ovos de ouro das animações. O problema é que ninguém conseguia desenvolver tecnologias tão surpreendentes e nem contar histórias com tanto "coração" quanto a Pixar.

Após uma série de discordâncias entre a Disney e a Pixar, mais especificamente Steve Jobs, a Disney cedeu e comprou a o estúdio por cerca de 7.4 bilhões de dólares em janeiro de 2006. A justificativa da Disney para a compra veio de um desfile de personagens nos parques da empresa. Eles perceberam que nenhum dos personagens celebrados pelas crianças eram recentes. A Disney estava ultrapassada. Com a aquisição da Pixar, além de agregarem ícones das animações recentes a seu panteão, eles puderam fazer intercâmbios de tecnologia e narrativa para aprimorar suas próprias animações.

História premiada

Atualmente, a Pixar já lançou 29 filmes animados, dezenas de curtas e séries animadas, como "Carros na Estrada" e "Ganhar ou Perder". No total, o estúdio conquistou 23 estatuetas do Oscar e arrecadou mais de 15 bilhões de dólares em bilheteria, fora o dinheiro arrecadado com produtos, como videogames, brinquedos, parques temáticos e roupas. São personagens extremamente populares que estão presentes em todos os lugares, em todos os produtos.

Ao longo desses 40 anos, a Pixar emplacou verdadeiros ícones da cultura pop mundial, como o Xerife Woody, Buzz Lightyear, Wall-E e o Relâmpago McQueen. Mas quem acha que eles estão satisfeitos, se enganou. Conforme Peter Docter revelou na entrevista ao Bafta, a Pixar tem atualmente oito projetos em produção neste exato momento.

"Um animador traz personagens à vida. Um diretor comanda toda a história. Atualmente, o meu trabalho [enquanto chefe criativo] é garantir que cada diretor, cada time que esteja trabalhando em um filme, sejam os

melhores possíveis [...] Acho que temos oito filmes em diferentes estágios de produção neste momento, então é bastante trabalho, mas é muito legal", disse.

O próximo filme do estúdio é "Cara de Um, Focinho de Outro", uma aventura que acompanha uma garotinha apaixonada pelos animais que acidentalmente transfere sua mente para um castor robótico de última geração. Perdida na mata, ela vai aprender a se comunicar com os animais, enquanto tenta voltar para casa. O filme está com estreia marcada para o próximo dia 5 de março, quando chegará aos cinemas de todo o Brasil.

Docter, inclusive, disse estar ansioso para que o público veja essa aventura, que ele definiu como "muito divertida".

"Não estou envolvido na direção de nenhum desses oito filmes, mas estou muito ansioso para 'Cara de Um, Focinho de Outro', nosso próximo filme. Daniel Chong, que trabalhou comigo em 'Divertida Mente', está trazendo essa história brilhante. É muito engraçado, então espero que todos possam ver nos cinemas, porque é sensacional! E é importante assistir no cinema, poque há momentos que ficam estonteantes na tela grande, com as reações do público", disse.

Em 18 de junho, Woody, Buzz e todos os brinquedos mais amados do cinema retornam em "Toy Story 5", que colocará a turma contra um tablet de brinquedo. Esse confronto entre a tecnologia e o analógico promete render muitas histórias ainda, mostrando que a Pixar não se apegou ao passado e segue mirando o futuro para que esses sejam apenas os primeiros 40 anos do estúdio.

"Acho que estamos chegando em um ponto interessante da história da animação, em que as pessoas cresceram com tantas novidades ao seu redor que agora estão procurando por coisas novas no cinema. E esse é o nosso grande desafio. Nossos diretores precisam encontrar elementos que façam o público se surpreender com algo nunca visto antes, mas que também consiga compreender e reconhecer sua própria humanidade refletida na tela", concluiu Pete Docter.

Com essa paixão pelo novo, mas sem se afastar de suas raízes, a Pixar segue trilhando um dos caminhos de maior sucesso na história do cinema, rumo ao infinito e além!

Zumbidos consagradores



Representante do Brasil na competição pelo prêmio Tiger, o mais esperado de Roterdã, a ficção científica 'Yellow Cake', com Tânia Maria, arrebatou a Europa com mosquitos sinistros

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Vitrine inaugural do circuito dos festivais de cinema de prestígio GG da Europa, Roterdã (na Holanda) reforçou o coro pró cinema brasileiro, hoje vigente nas maiores mostras competitivas do planisfério audiovisual, ao incluir "Yellow Cake", de DNA pernambucano, em sua disputa de prêmios mais acirrada, a Tiger. Teve como paga sessões lotadas, marcadas por um zumbido nas raías do assombro. O barulhinho do arrebatador longa-metragem de Tiago Melo (de "Azougue Nazaré") se reporta à criatura que faz dessa ficção científica nordestina um "filme de monstro": o *Aedes aegypti*. Não é só dengue o ele traz em sua picada, na trama que tem a potiguar Tânia Maria (a Dona Sebastiana de "O Agente Secreto") no elenco, mas também uma praga nuclear, digna da sci-fi classe B feita nos EUA e no Japão na Guerra Fria.

"Não sei quando ouvi falar em dengue pela primeira vez, mas acho que, desde quando nasci e aprendi a falar 'cadeira...' 'mesa...' 'comida', a palavra 'mosquito' faz parte da minha vida. Até no programa da Xuxa tinha a personagem da Dengue. Nós somos de Recife. Lá, os casos (de contaminação por *Aedes aegypti*) eram muitos", explicou Tiago, ao Correio da Manhã, numa



Divulgação



Vera Cornel/Divulgação

Picuí é infestado de mosquitos e invasores estrangeiros no longa com CEP no Recife e locações na Paraíba, com talentos do Nordeste em 'Yellow Cake'

Tiago Melo, com suas atrizes Rejane Faria e de Rosa Malagueta, na apresentação do longa em Roterdã

conversa via Zoom de Roterdã, ao lado da produtora Carol Ferreira. "Mosquito é um bicho que tem vários nomes. Em Recife, chama-se muriçoca; no Acre, carapanã. Essa coisa das doenças que ele transmite é assustadora. Daí a premissa: e se ele começasse a transmitir radiação? E se ele pudesse se adaptar acima da linha do Equador?", questiona.

Ambientada no município de Picuí, na região da Borborema, no Seridó Oriental paraibano, e falado parcialmente em Inglês, "Yellow Cake" transborda tensão ao explorar um dos lados mais perigosos da mineração: o risco de contágio por radiação. Mineiros como tântalo, nióbio e (sobretudo) urânio estão no foco da investigação de Rúbia Ribeiro (Rejane Faria), uma cientista nuclear envolvida em um projeto secreto para erradicar o *Aedes aegypti* utilizando a riqueza mineral da região. Agentes dos EUA, mosquitos famintos e conflitos políticos estão

no leito desse rio de brasilidade cristalina, onde Dona Rita (Tânia Maria) é interlocutora de Rúbia e alvo dos monstros que zumbem.

"Quis fazer um filme onde a Ciência fosse protagonizada por uma mulher brasileira preta, do Nordeste. Nosso saber científico, absurdamente, é sempre colocado como algo menor. Basta aparecer um pesquisador estrangeiro que ele será mais valorizado. O governo aceita um projeto nuclear controverso de um cientista estrangeiro apenas porque ele é americano. Isso é assustador", explica Tiago, lembrando que Tânia Maria vive a 15 minutos de Picuí. "Sempre quis tê-lo para o elenco, por ela ser do local. E rodamos a primeira fase da filmagem em 2022, antes de ela ter feito 'O Agente Secreto'. Grande atriz, ela ensaiou muito e vive o processo todo".

Na conta de Carol Ferreira, a gestação de "Yellow Cake", entre financiamento e realização, levou

uma década: "É um projeto de R\$ 3,3 milhões, captado em editais pequenos, sem os quais não existiríamos. É um filme de baixo orçamento que só existe pela destreza da produção. A gente acreditava que era possível fazer um filme de ficção científica no Brasil e fez", diz Carol.

Feliz com o fato de a plateia de Roterdã ter se incomodado com o barulho dos mosquitos que, a dado momento, formam um enxame radioativo em cena, Tiago sonhava fazer um "Godzilla" à moda brasileira... e fez. Diferentemente de nove entre dez flertes do cinema latino-americano com as cartilhas de gênero, onde os tropos da ação e do assombro dão lugar a falatórios de tom sociológico, "Yellow Cake" é mistério puro e dá medo mesmo... como se via em narrativas como "Vampiros de Almas" (1956) e "O Dia Em Que a Terra Parou" (1951), sem precisar de ETs para isso. O pavor da contaminação nuclear (so-

mada à destreza narrativa de Tiago, amplificada por seu montador, André Sampaio) dá conta disso.

"Um dos filmes que me inspiraram foi 'Abrigo Nuclear', do Roberto Pires (feito em 1981), numa prova de que é possível fazer uma sci-fi no Nordeste", explica Tiago. "A primeira versão do nosso roteiro foi escrita quando a Dilma Rousseff ainda era presidente. Nem se imaginava um golpe. O filme era sobre uma epidemia e tinha um presidente militar. Depois veio Bolsonaro, veio a Covid-19. O futuro virou passado. Nosso filme tornou-se quase atemporal".

Público em Roterdã, o portal italiano "My Movies" aponta que "entre suspense, ficção científica, conto popular e comédia proletária, 'Yellow Cake' renova a tradição do cinema anticolonialista, divertindo-se ao misturar gêneros e transformando em delírio visionário a ansiedade contemporânea do contágio e a crítica ao capitalismo predatório". Em sua trupe de estrelas, vale citar a presença de um dos maiores montadores nacionais, Severino Dadá, que editou "O Amuleto de Ogum" (1974) e "Tenda dos Milagres" (1977).

"Sertanejo da cidade de Pedra, em Pernambuco, Dadá, além de montar muito bem, é pai do André Sampaio, que editou meus filmes. Ele é o cangaceiro da moviola", brinca Tiago. Eu queria ter uma figura como ele no papel de um cientista popular. Fora isso, nosso filme deve muito ao André, que me ajudou a desenhar a forma que a narrativa tem".

O Festival de Roterdã segue até domingo.

Rugidos de autoralidade



Exercícios de gêneros dramáticos diversos, vindos de diferentes cantos do mundo, falando de reinvenção, reafirmam o papel de Roterdã como um garimpo de invenção

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Até domingo, a Holanda hospeda uma micareta de imagens, pautada pela experimentação, em busca de novas expressões autorais, mas preocupada também em revisar filmes que ecoaram com força por festivais de prestígio anteriores, o que justifica a presença do nosso oscarizável “O Agente Secreto” – revelado por Cannes - em Roterdã. Kleber Mendonça Filho, seu diretor, pode ganhar a láurea do júri popular do evento, repetindo o feito nacional de 2025, quando “Ainda Estou Aqui” saiu de terras holandesas como “o” eleito do povão. Quem encerra Roterdã este ano é o thriller francês “Bazaar (Murder in the Building)”, de Rémi Bezançon.

Em seu roteiro, o misantrópico romancista François (Gilles Lelouche) escreve histórias policiais emocionantes, mas leva uma rotina tediosa. Até sua projeção, diferentes mostras hão de sacudir a maratona de Roterdã: Harbour, Limelight, Bright Future, Big Screen Competition, Tiger. Confira o que já fez sucesso lá:

PRIVADAS DE SUAS VIDAS, de Gustavo Vinagre e Gurcius Gewdner (Brasil): Martha Nowill vai ao céu da excelência no gramado das screen queens no papel de Malu,

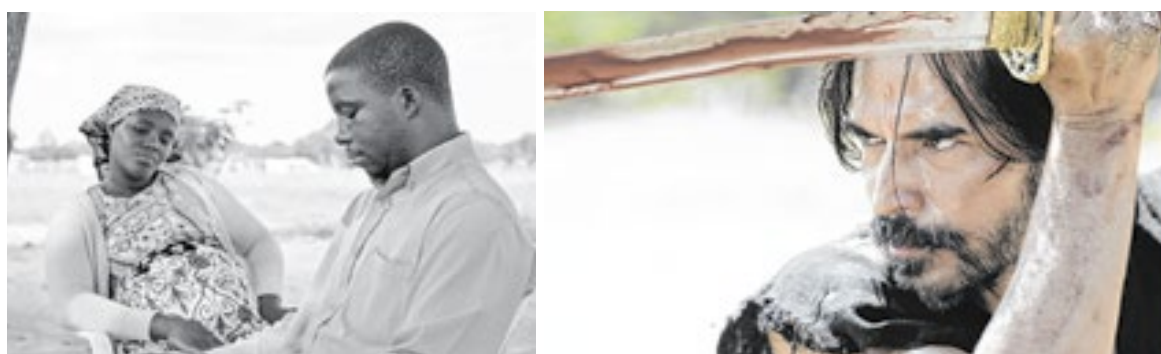


Privadas de suas Vidas



White Lies

Butterfly



O Profeta

Lone Samurai



Gatillero

dona de uma empresa de festas que desenvolve um misto de prisão de ventre e aversão a latrinas ao longo dos anos em que sofre o luto pela perda de um filho – morto num acidente com louça de banheiro. Ela é mãe de Gênesis (Benjamín), que se identifica como pessoa não binária e exige ser respeitada. Na luta dessa mulher para manter os

negócios no lucro, lidar com a ideologia de Gênesis e aliviar o intestino (metáfora para a alma), uma manifestação sobrenatural malvada paca, hospedada nos “troninhos” de um prédio em São Paulo, vai jogar m... na sagrada família brasileira. Nesse conto intestinal gore, a fotografia de Daniel Venosa deixa uma freada de destreza plano a plano.

BUTTERFLY, de Itonje Søimer Guttormsen (Noruega): Quem curtiu “Valor Sentimental” (hoje indicado a nove Oscars) ou “Dreams (Sex Love)”, o Urso de Ouro de 2025, sabe que o cinema norueguês vive um momento de apogeu. Esta nova produção da diretora de “Gritt” (2021) é o atestado desse vigor. Nela, duas irmãs afastadas

reencontram-se nas Canárias após a morte dos pais, apenas para herdar um resort inacabado e um retiro esotérico. O roteiro aposta nos engasgos das relações fraternas.

WHITE LIES, de Alba Zari (Itália): Formada entre Bolonha, Milão e Nova York, a realizadora deste inventário de cicatrizes nasceu na Tailândia, dentro da seita Children of God, um culto internacional com dezenas de milhares de seguidores em todo o mundo e famoso por abuso sexual e manipulação. Alba não se lembra da sua infância com exatidão. Desesperada para se recordar de algo, ela mergulha nas práticas da doutrinação em seu passado. Para descobrir a identidade do seu pai, ela precisa confrontar a sua mãe e a sua avó para tentar entender as escolhas delas.

GATILLERO, de Cris Tapia Marchiori (Argentina): Um thriller devastador de nuestros hermanos, de uma precisão técnica de matar Hollywood de inveja. Recém-saído da prisão, o assassino profissional Pablo “El Galgo” (Sergio Podedey) é contratado para um trabalho por membros de um cartel de drogas liderado por uma mulher misteriosa, conhecida apenas como a Madrinha. Normalmente, isso seria moleza para o velho Galgo, mas quando ele descobre que o seu alvo não é outro senão a própria Madrinha, esse “bicho solto” é forçado a fugir para salvar a vida, em perseguições eletrizantes. O longa foi filmado em locações reais de Isla Maciel, um bairro famoso nos arredores de Buenos Aires e se desenrola em tempo real ao longo de uma noite.

O PROFETA, de Ique Longa (Moçambique): Ecoa Holanda afora a força do desempenho de Admiró De Laura Mungambe no papel do pastor Hélder, que já não encontra mais amparo nas páginas da Bíblia. Hélder perdeu a sua fé no Senhor, o que é uma catástrofe para um sacerdote. Profundamente amado pelo povo da sua paróquia, em Manjacaze, ele vai buscar saída num reino inesperado: a bruxaria tradicional. Durante algum tempo, as forças que invoca funcionam a seu favor, até que, de repente, só lhe sobra o vazio. Brota daí um ensaio lindo sobre crença.

LONE SAMURAI, de Josh C. Waller (EUA): Um thriller de espada em punho que é epifania não só em padrões cinemáticos (físicos), mas em padrões existencialistas. Levado por uma onda a uma ilha desconhecida, seu personagem central, o ronin Riku, vivido por Shogen (ele se chama Shogen Itokazu, mas dispensa o sobrenome), está gravemente ferido, assombrado por visões de sua feliz vida familiar no Japão. Enquanto vagueia pelas florestas da Indonésia, ele esbarrar com uma comunidade de canibais. Suas lutas contra assassinos famintos desafiavam a gravidade.

ENTREVISTA | ANITA LEANDRO

DOCUMENTARISTA E PROFESSORA DA UFRJ

‘Por trás de qualquer imagem da ditadura, há o horror da tortura’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Ao vencer a 29ª Mostra de Tiradentes (MG), no sábado passado, conquistando o prêmio do júri popular e o prêmio Carlos Reichenbach com o documentário “Anistia 79”, Anita Leandro fez jus, uma vez mais – só que agora, poeticamente –, à sua matrícula no ensino federal: deu ao cinema brasileiro uma aula... de democracia. Professora da Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ, a realizadora mineira (de BH) abriu uma caixa de Pandora que estava fechada há quase 47 anos, com sentimentos, vivências, engasgos e catarses de quem precisou sair do Brasil sob a pressão do regime fardado (de 1964 a 1985).

Seu filme encontra registros raríssimos da Conferência Internacional pela Anistia no Brasil, que foi realizada em Roma, em junho de 1979. Foi o maior encontro da esquerda brasileira fora do país. Ali há fatos essenciais para se entender a manutenção do aparato repressivo militar e a impunidade dos torturadores. Na justificativa de seu troféu, o júri de Tiradentes enfatizou que Anita tem jazidas auríferas na mão, “com imagens pouco acessadas pelo imaginário coletivo sobre aqueles que lutaram pelo fim da ditadura”. Neste papo, ela leciona sobre a alquimia que faz um arquivo se converter em poética fílmica.

Arquivo é linguagem?

Anita Leandro - Se podemos chamar de “linguagem” uma matéria viva — e uma matéria viva tem sempre uma fala, tem sempre um discurso, carrega consigo uma memória — então, sim, é. É uma matéria sensível. Toda a matéria sensível que é discursiva, que guarda na memória o passado, ao ser acionada, ao ser trabalhada, produz uma fala que lhe é própria. Nunca me apropriei de um arquivo como ilustração de um conteúdo pré-existente. Ele é o conteúdo.

Sua fala evoca o pensamento (e prática) do cineasta francês Chris Marker (1921-2012), por exemplo em “Carta da Sibéria” (1958), no qual um registro arquivístico é um corpo vivo, com muitas dialéticas para se isentar de retóricas alheias. Marker, nesse lugar, é uma referência?

É uma referência para todos nós que nos debruçamos sobre arquivos. Marker devia ser referência para historiadores, jornalistas, para todos os que precisam de lidar melhor com arquivos. A forma como a mídia se apropria dos arquivos é, muitas vezes, problemática. O arquivo vem como matéria-prima a serviço de outros conteúdos. Perde-se a sua materialidade documental. Eu nunca perco isso de vista. Trabalho sempre com arquivos da ditadura a partir de uma perspectiva histórica que, para mim, é a perspectiva desses próprios documentos.

No caso de “Anistia 79”, ao retrabalhar os materiais da Conferência de Roma, você torna os documentos que encontrou acessíveis ao público, deslocando-os de escaninhos para o espaço da arte. Mas há algo delicado: o conceito de anistia é assombrado pelo horror da tortura. Como lidar com documentos sob esse vetor: distancia-se dele ou incorpora-o?

Toda a apropriação de material de arquivo é um exercício de deslocamento das imagens. No caso de imagens inéditas como estas, elas foram literalmente retiradas de um porão em Paris e trazidas para o Brasil... para o mundo... trazidas à superfície. Trabalhar com arquivos é sempre abri-los. É torná-los disponíveis, para que cada um possa apropriar-se deles como munição para compreender o passado. Eu coloco o material filmado pelo (diretor carioca radicado em Paris) Hamilton Lopes dos Santos, em 1979, à disposição do espectador. O meu desafio começou pela montagem. Comecei por montar o trecho do Hamilton. Depois montei blocos para cada personagem. Sempre tive em vista um deslocamento: sair da invisibilidade.

E onde entrar a tortura nesse recorte?

O horror da tortura atravessa qualquer imagem desse período histórico, até a publicidade. Se analisarmos anúncios da época, vemos referências a choque elétrico, a

“Se analisarmos anúncios da época, vemos referências a choque elétrico, a mulheres colocadas em bagageiras para vender carros com porta-malas grande. A tortura estava naturalizada na publicidade”

mulheres colocadas em bagageiras para vender carros com porta-malas grande. A tortura estava naturalizada na linguagem publicitária. Por trás de qualquer imagem da ditadura, há o horror da tortura. Não há como escapar. Pode-se fingir que não se vê e usar a imagem para ilustrar outra coisa, mas o horror está lá, por baixo. Mesmo a ausência de imagens remete à censura. Quando procurei imagens sobre exilados brasileiros, encontrei 14 mil títulos, na televisão e na rádio francesas, relacionados ao Brasil do período militar. Desses 14 mil, só três míseras reportagens da TV francesa falavam de exilados. A ausência de imagem também fala do horror. Quando esse material é confrontado com a fala viva de alguém que viveu esse período, o horror reaparece. Como memória, como elaboração, como tortura permanente. A tortura saiu do centro político, mas continua

nas prisões, nas ruas. Está nas redes sociais. A tortura faz parte da paisagem.

Evocando a filosofia de Michel Foucault e a ideia de panóptico (um olhar plural), há um discurso histórico consolidado sobre a ditadura. Até que ponto o cinema pode desafiá-lo?

Foucault é um mestre e sua “Arqueologia do Saber” é uma aula de cinema para trabalhar com arquivos. O método arqueológico é montagem. Um corte arqueológico é um mosaico de fragmentos, de vestígios. Aos poucos, os sentidos emergem, mas isso exige escavar, ir às profundezas do arquivo, onde as coisas estão esquecidas, adormecidas. As imagens do Hamilton, os testemunhos, os restos, as sobras... tudo isso são sobrevivências. É com isso que trabalhamos, com o que so-

breviveu. Cabe-nos colar, associar, dar novas falas, para tentar compreender algo que é impossível de compreender totalmente. E sobra sempre alguma coisa.

O aspecto mais bonito do seu filme é que sua a montagem (assinada em duo com Isabel de Castro) não procura o espetáculo da memória. Procura a contração. Como ela se norteia?

Há uma dialética do conflito interno do plano, que vem da montagem vertoviana (do cineasta Dziga Vertov). Cada plano, autossuficiente, é uma sentença. Cada plano é um curta-metragem. O conflito está dentro dele. Entre planos há um intervalo intransponível. A montagem é uma ilusão: monta-se para que ela não se imponha, para que o espectador possa apropriar-se da matéria e fazer algo com ela.



Leo Lara/Universe Produção



Kornev (Alexander Kuznetsov) enfrenta a violência do estado fardado em 'Dois Procuradores'

Pagode russo

do silêncio

Apoiado na atuação visceral de Alexander Kuznetsov, o suspense jurídico 'Dois Procuradores' traz para o circuito nacional o cinema de cálculo humanista de Sergei Loznitsa

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Importado por Hollywood para o elenco de "Animais Fantásticos: Os Segredos de Dumbledore" (2022) e visto, faz pouco, no streaming, em "Chefes de Estado" (2025), Aleksandr Kuznetsov é maleável às demandas do cinemão, mas não abre mão de experimentos de risco (sobretudo na esfera política) como "Dois Promotores". Indicado à Palma de Ouro de Cannes, em maio, esse suspense jurídico, hoje em cartaz no Brasil, devasse segredos de um império que apregoava a centelha revolucionária como seu pavimento ético ao encarar a luta de classes.

A Rússia de carimbos rimbombantes, de pilhas de formulários e de grades de aço das mais sombrias que o ator encontrou no longa-metragem do aclamado diretor Sergei Loznitsa, pode se resumir, a um reflexo da atualidade, com soluços do que se ouve (e do que é calado) na administração Putin. "Esse filme sobre silenciamentos existe porque nada mudou em território russo,

da época que retrata até hoje", explicou Kuznetsov ao Correio da Manhã na Croisette, referindo-se a fatos ambientados na União Soviética de 1937.

Naquele ano, milhares de cartas de detidos (falsamente acusados pelo regime) são queimadas em uma cela de prisão. Contra todas as probabilidades, uma delas chega ao seu destino: a mesa do recém-nomeado promotor local, Alexander Kornev (Kuznetsov). Ele faz todo o possível para encontrar o presidiário que a escreveu. O sujeito periga ser uma vítima de agentes corruptos da polícia secreta, a NKVD. Bolchevique dedicado e íntegro, o jovem jurista suspeita de um jogo sujo. Sua busca por justiça o levará até o gabinete do procurador-geral em Moscou. A trama foi inspirada no romance homônimo de Georgy Demidov, físico que passou 14 anos de sua vida preso em campos de concentração soviéticos.

"Sergei sempre se referiu a esse enredo como se fosse uma história de samurai, cuja missão é encontrar o remetente da carta, numa narrativa que, de alguma forma, bifurca a representação do Estado, numa



Divulgação

Sergei Loznitsa é um realizador meticuloso

“Esse filme sobre silenciamentos existe porque nada mudou em território russo, da época que retrata até hoje”

ALEKSANDR KUZNETSOV

ambivalência dramática entre os tais dois promotores. Como todo bom filme de samurai, o herói é silencioso, tem monólogos internos longos, de pensamento puro, de reflexão. E eu, nesse lugar, sou mesmo melhor sem palavras, sobretudo trabalhando com um diretor que vem do Cálculo e é meticuloso”, lembra Kuznetsov. “Sergei

chega a gastar uma hora de set até ter a certeza de que um retrato na parede está alinhado como espera. Esse rigor se estende ao empenho em esvair qualquer romantismo do meu personagem”.

Célebre por ficções como “Uma Criatura Gentil” (2017) e “Donbass” (prêmio Un Certain Regard de Melhor Direção em

Cannes em 2018), Sergei Loznitsa jamais arreda o pé do documentário, vide “A Invasão” (“The Invasion”), com que concorreu no É Tudo Verdade, no RJ e em SP, em 2025. Bielorrusso de nascença (egresso de uma cidade chamada Baranavichy, quando o país vivia sob o jugo da União Soviética), mas criado em Kiev, o cineasta de 61 anos persegue os fantasmas da URSS faz tempo. Foi laureado em 2012 com o prêmio da Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (Fipresci), na Croisette, quando concorreu à Palma dourada com “Na Neblina”, falando de como os soviéticos lidaram com tropas hitleristas. Num take crucial de “Dois Procuradores”, nota-se um busto de Lênin (o líder da Revolução Russa) escanteado, num sinal de que a ideologia deu lugar a uma tirania burocrática.

“Entre 1917 e 1937, Lênin deixa de ser ‘O’ eleito, num reflexo das mudanças históricas”, disse Loznitsa ao Correio da Manhã em Cannes. “A claustrofobia que se imprime em cena é um sinal do que está represado, perdido”.

Loznitsa vem da Matemática. Estudava Álgebra, Geometria, Trigonometria, PAs e PGs no momento em que a URSS acabou e decidiu aportar seu olhar de algebrista para o audiovisual no fim dos anos 1990, quando começou a rodar seus primeiros curtas. Estabeleceu a partir de 2000 uma verve documental autoralíssima (sobretudo em seu uso de imagens de arquivo), marcada por estudos sobre a paisagem e a população russa, com filmes como “Vida, Outono” (1998), “Estação de trem” (2000), “Retrato” (2002) e o monumental “State Funeral” (2018).

“O que me interessa no discurso do documentário não é julgar o que uma pessoa, um território ou uma instituição fizeram e sim o que uma determinada mirada publicitária sobre feitos e sobre fatos pode gerar. Eu filmo para abrir dicotomias”, explicou o cineasta em papo com o Correio da Manhã no Marrocos, quando passou pelo Festival de Marrakech. “Em enredos ficcionais, eu encontro o momento em que História vira ilusão”.

No Brasil, sua filmografia foi popularizada pelo empenho de um amigo (e entusiasta), o diretor pernambucano Kleber Mendonça Filho, que disputa o Oscar por “O Agente Secreto”. Ele abriu espaço para Loznitsa em seu festival, o Janela no Recife, na década passada.

“Sergei confirma, em seu cinema, uma máxima do escritor Nikolai Gogol: ‘Não busquei o que achei’. Esse é o destino de meu personagem em ‘Dois Procuradores’ e parece ser o caminho de quem quer entender a Rússia dos tempos atuais”, diz Kuznetsov. “Lembro de ouvir o nosso diretor dizer, no set, que a diferença essencial entre documentário e ficção está no orçamento. Por isso, a trama que filmamos documenta vivências”.

SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOW

NEY MATOGROSSO

✳Cantor volta aos palcos cariocas com mais show de sua aclamada turnê “Bloco na Rua”, em cartaz desde 2023. Sáb (7), às 21h30. Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo). R\$ 220 e R\$ 110 (meia)

CLÁUDIO LINS

✳Em seu novo show, “Histórias de Amor (de cortar os pulsos)”, o cantor, compositor e ator se debruça sobre repertório romântico. Clássicos como “O Que será” (Chico Buarque) e “A Noite do Meu Bem” (Dolores Duran) se misturam a consagrados temas de novelas, como “Oceano” (Djavan) e “Lembra de Mim” (Ivan Lins/ Vítor Martins). Sex (20), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

MOUWA

✳Cantor e guitarrista carioca e banda apresentam ao público, em primeira mão, o single “Ganância ou Proteção” e sucessos do seu primeiro álbum “Estrela”, lançado em 2024. Sáb (7), às 19h. Audio Rebel (Rua Visconde de Silva, 55 - Botafogo). R\$ 30 (antecipado) e R\$ 40

ROBERTO ROSEMBERG QUARTETO

✳O guitarrista carioca apresenta o show “Ginga”, com roteiro que passeia por clássicos do jazz, blues, bossa e samba-jazz. Sáb (7), às 21h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 Copacabana). R\$ 70

VERÃO #TÔNORIO

✳O projeto apresenta programação cultural gratuita na praia de Copacabana com diversas atrações musicais. Sex (8): o cantor e compositor Cassiano Andrade; sáb (7): a cantora e compositora Twigg; e 8/2: o BloQueen, especializado em canções do Queen. Sempre às 18h. Grátis

FESTA

COM CARINHO, RODRIGO PENNA

✳DJ, produtor cultural e ator apresenta um longo set cheio de doçuras, velhos hits e novos clássicos. Sex (6), às 22h. Manouche (Rua Jardim Botânico, 983). R\$ 180 e R\$ 90 (meia solidária, levando um quilo de alimento não perecível ou livro para doação)



Ney Matogrosso



Losango Cáqui

HUMOR

LUANA ZUCOLOTO

✳Com inteligência e humor afiado, Luana Zucoloto é a atração desta semana no Festival Humor Contra-Ataca com o espetáculo, “Esse show poderia ser um E-mail”. Hábil em explorar temas cotidianos com um olhar crítico e bem-humorado, Luana cria uma experiência que satiriza o universo corporativo de maneira envolvente e divertida. Sáb (7), às 21h30. Qualistage (Via Parque Shopping: Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca). A partir de R\$ 47,50

TEATRO

CREDORES

✳Neste texto de August Strindberg, dois homens e uma mulher se encontram para um acerto de contas. Até 28/2, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (R. São João Batista, 104, Botafogo). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

MARGINAL GENET

✳Retrato do universo do autor no submundo de Paris. Até 7/2, sáb (22h). Teatro Candido Mendes (Rua Joana Angélica, 63 - Ipanema). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)



Com Carinho, Rodrigo Penna

DJAVAN, O MUSICAL: VIDAS PRA CONTAR

✳A riqueza musical e a história inspiradora de um dos compositores mais aclamados da música popular brasileira chegam ao palco neste espetáculo idealizado por Gustavo Nunes, com direção artística de João Fonseca e autoria de Patrícia Andrade e Rodrigo França. Direção musical de João Viana e Fernando Nunes. Até 8/2, qui e sex (20h), sáb (16h30 e 20h30) e dom (18h). Teatro Claro Mais RJ (Rua Siqueira Campos, 143 - 2º Piso - Copacabana). A partir de R\$ 19,80

LOSANGO CÁQUI

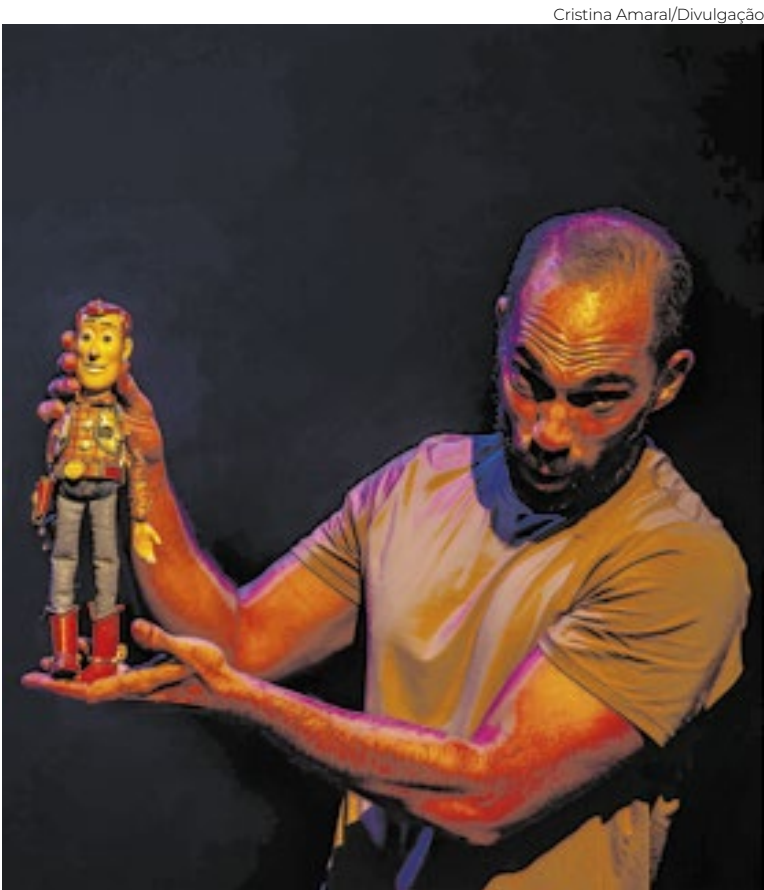
✳Espetáculo remonta textos de Mário de Andrade. Até 7/2, sex e sáb (19h). Teatro Vianinha (Armazém da Utopia - Armazém 6, Cais do Porto, s/nº). Grátis, com ingressos retirados no www.sympla.com.br

UMA CARTA PARA MEUS NETOS

✳Tatá Oliveira investiga afetos e padrões de masculinidade por meio do teatro de objetos. Até 8/2, sex e sáb (19h) e dom (18h). Teatro 2 do Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539). R\$ 30, R\$ 15 (meia) R\$ 21 (sócio Sesc) e grátis (PCG)

OPÇÕES DE LAZER

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR



Uma Carta Para Meus Netos



Luana Zucoloto



Las Choronas

DEVORA-ME

❖ Depois de muitos anos afastados, pai e filha, ambos atores, tentam se comunicar. Como estratégia de convivência, decidem ensaiar o personagem Rei Lear, antigo sonho dele. Até 6/2, qui e sex (19h). Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha, 1). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

LAS CHORONAS

❖ Experiência cênica que desafia convenções e amplia fronteiras da acessibilidade. Até 8/2, qui a sáb (19h) e dom (18h). CCBB Rio (Rua Primeiro de Março, 66). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

FELIZARDA

❖ Felizarda é contratada por uma empresa e se vê cercada por neuroses e angústias do mundo corporativo. Até 6/2, qua a sex (20h). Teatro Gláucio Gill (Pç. Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

JOB

❖ Especialista em filtrar conteúdo impróprio na internet, sofre com a toxicidade do ambiente e tem colapso nervoso. Até 22/2, sex e sáb (20h) e dom (18h). Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804, Glória). R\$ 150 e R\$ 75 (meia)

OS FIGURANTES... E DEPOIS?

❖ O espetáculo nasceu de pesquisa sobre histórias reais do universo da figuração. Até 8/2, sex e sáb (20h) | dom (19h). Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

EXPOSIÇÃO

DAR NOME AO FUTURO

❖ As artistas Dani Cavalier e Nathalie Ventura trazem pontos de observação sobre formas de existir e permanecer no mundo. Até 1/3, ter a dom (11h às 19h). CCJF (Av. Rio Branco, 241). Grátis

VIVA MAURICIO!

❖ Mergulho imersivo no universo criativo em torno da obra do quadrinista Mauricio Sousa, criador da Turma da Mônica e de dezenas de outros personagens tão queridos dos brasileiros. Até 13/4, de qua a seg (9h às 20h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

RETRATOS DO MEU SANGUE - SHIPIBO-KONIBO

❖ A exposição apresenta o trabalho do documental do fotógrafo peruano David Díaz González, nascido na comunidade nativa de Nueva Saposo. Até 8/2, ter a dom (11h às 19h). CCJF (Av. Rio Branco, 241). Grátis

GEOMETRIA VISCERAL

❖ Panorama da produção recente do artista plástico paulista Gilberto Salvador que volta aos espaços expositivos cariocas. A mostra reúne cerca de 40 trabalhos reunidos por temas, conjuntos de linguagens. Até 1/3, ter a dom e fer (12h às 18h). Paço Imperial (Praça XV, 48). Grátis

RIOS DE LIBERDADE

❖ Exposição celebra os 200 anos da independência do Uruguai reunindo 14 artistas da colagem uruguaios e brasileiros que se utilizam de imagens do acervo histórico do Centro de Fotografia de Montevideu como matéria-prima para registrar a memória visual de uma sociedade em transformação. Até 8/2, ter a dom (11h às 19h). CCJF (Av. Rio Branco, 241). Grátis

LIVROPOEMA/POEMALIVRO

❖ A mostra apresenta livros de artista criados por Gabriela Irigoyen, que subvertem a estrutura tradicional do livro. Até 1/3, ter a dom 11h às 19h. CCJF (Av. Rio Branco, 241). Grátis

INFANTIL

MASHA E O URSO

❖ Nesta versão teatral da série fenômeno de audiência no YouTube, Masha, o Urso e os amigos da floresta vivem uma história de lealdade e coragem. Até 22/2, sáb (10h e 12h30) e dom (11h e 14h). Teatro Claro Mais RJ (Rua Siqueira Campos, 143 - 2º Piso - Copacabana). A partir de R\$ 50

ONOMATOCLOWNS

❖ Projeto convida o público a transformar o espaço em um jogo coletivo. A ação, conduzida por palhaços, convida pessoas de todas as idades a inventarem diálogos curtos, pensamentos e expressões típicas da linguagem das histórias em quadrinhos. CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Grátis

INVENTAMUNDOS

❖ Inspirado nas bonecas de papel e nas histórias em quadrinhos infantojuvenis, o laboratório criado pela equipe de arte-educadores do CCBB Educativo desenvolve a criatividade do visitante e criar um personagem original com história, cenário e roupas customizadas. Sáb e fer (15h e 17h), dom (11h, 15h e 17h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Grátis

PARALAMAS



Divulgação

AFFONSO NUNES

O s Paralamas do Sucesso sobem neste sábado, dia 7, ao Morro da Urca para encerrar o projeto Noites de Verão, que desde dezembro trouxe shows ao cartão-postal carioca. O trio formado por Herbert Vianna, Bi Ribeiro e João Barone apresenta o espetáculo “Paralamas Clássicos”, show concebido em 2020 que reúne 33 faixas selecionadas ao longo de quatro décadas de carreira, percorrendo a discografia da banda desde o álbum de estreia, “Cinema Mudo”, lançado em 1983, até o mais recente trabalho de estúdio, “Sinais do Sim”, de 2017. No palco, além da formação principal, estão os músicos que acompanham o grupo há décadas: João Fera nos teclados, Monteiro Jr. no saxofone e Bidu Cordeiro no trombone.

Com 27 discos lançados e uma trajetória que ajudou a definir a sonoridade do rock brasileiro a partir dos anos 1980, os Paralamas se consolidaram como uma das formações que mais transitaram entre gêneros musicais no país. O repertório de “Paralamas Clássicos” evidencia essa variedade: das influências do rock inglês nas primeiras gravações, como “Fui Eu” e “Mensagem de Amor”, passando pela incorporação do reggae e do dub em “A Novidade” e “Melô do Marinheiro”, até o refinamento pop que marcou a produção dos anos

ONTEM, HOJE E SEMPRE...

Banda completa 40 anos de carreira com show que percorre quatro décadas de repertório no encerramento do projeto Noites de Verão, neste sábado, no Morro da Urca

1990 com faixas como “Tendo a Lua” e “Busca Vida”. O diálogo com a música latina também está presente em “Trac-Trac” e “Lourinha Bombil”, demonstrando a capacidade do grupo de absorver referências sem perder identidade sonora.

Entre as 33 canções selecionadas para o show, estão aquelas que documentam momentos políticos do Brasil recente. “Alagados”, lançada em 1986 no álbum “Selvagem?”, tornou-se um dos registros mais

contundentes sobre desigualdade social na música popular brasileira. “O Beco”, “Perplexo” e “O Calibre” seguem na mesma linha, oferecendo leituras críticas sobre violência urbana e autoritarismo. Por outro lado, o repertório também contempla as canções de temática amorosa que marcaram a trajetória do grupo: “Meu Erro”, “Lanterna dos Afogados”, “Aonde Quer Que Eu Vá” e “Seguindo Estrelas” figuram entre os sucessos radiofônicos que ajudaram

a popularizar a banda para além do circuito do rock. Completam o repertório faixas como “Vital”, “Óculos” e “Ela Disse Adeus”, que atravessaram décadas mantendo relevância.

A proposta do espetáculo é revisitar os sucessos sob uma perspectiva histórica, oferecendo ao público uma síntese da trajetória do grupo. Em “Caleidoscópio”, Herbert Vianna conduz a canção por solos de guitarra com influência blues, enquanto em “O Beco” a bateria de João Baro-

ne ganha protagonismo. O baixo de Bi Ribeiro constrói a base sonora ao longo de todo o show, sustentando a arquitetura das canções. A formação ampliada, com metais e teclados, permite que arranjos originais sejam recriados ao vivo com fidelidade às gravações de estúdio.

Em 2023, ao completar 40 anos de existência, os Paralamas optaram por celebrar a marca com uma turnê focada nos clássicos, apresentando-se tanto em festivais de grande porte quanto em cidades do interior do país. A passagem pelo Lollapalooza daquele ano teve recepção positiva de público e crítica, consolidando o formato do show. Desde então, “Paralamas Clássicos” segue como o principal espetáculo do grupo, oferecendo um panorama da obra construída desde a década de 1980. O encerramento do projeto Noites de Verão no Morro da Urca marca mais uma apresentação dessa turnê que atravessa o país há dois anos, reafirmando a presença da banda na cena musical brasileira e sua capacidade de dialogar com diferentes gerações de ouvintes.

SERVIÇO

PARALAMAS DO SUCESSO — PARALAMAS CLÁSSICOS
Morro da Urca (Avenida Pasteur, 520 - Urca)
7/2, às 22h
Ingressos a partir de R\$ 240 e R\$ 120 (meia)~*
*Ingresso do bondinho incluído



Marcos Hermes/Divulgação

João Bosco reúne músicos de excelência para revistar seus maiores sucessos e canções de sua safra mais recente em formato intimista

Um gênio na intimidade

João Bosco volta ao Teatro Rival Petrobras com formação de trio

AFFONSO NUNES

João Bosco retorna ao Teatro Rival Petrobras nesta sexta e sábado (6 e 7) em duas apresentações que apostam na intimidade e na depuração sonora. O formato em trio, ao lado do guitar-

rista Ricardo Silveira e do contrabaixista Guto Wirtti, músicos de longa parceria, permite que o cantor e compositor mineiro revise clássicos de sua obra com arranjos enxutos e espaço para improvisos, explorando nuances que formações maiores nem sempre comportam.

A configuração privilegia não

apenas o talento do artista como intérprete e instrumentista mas também a virtuosidade técnica de seus colegas de palco. No repertório, estão confirmados sucessos como “Incompatibilidade de Gênios”, “O Mestre-Sala dos Mares” e “Corsário”, além de possíveis surpresas e releituras de canções me-

nos executadas ao vivo.

Mineiro de Ponte Nova, João Bosco construiu uma obra fundamental na música popular brasileira. Formado em engenharia, abandonou a carreira para se dedicar à música, mudando-se para o Rio nos anos 1970. Foi nessa época que estabeleceu parceria decisiva com o

poeta Aldir Blanc, responsável pelas letras de alguns de seus maiores sucessos.

Juntos, João e Aldir criaram canções incontornáveis numa preciosa combinação de sofisticação harmônica com uma poética sublime e refinada. “O Bêbado e a Equilibrista”, gravada por Elis Regina em 1979, tornou-se hino da anistia política e um dos momentos mais emblemáticos da arte brasileira no período de redemocratização.

A carreira de João Bosco caracteriza-se pela fusão entre samba, jazz e música mineira, incorporando elementos da bossa nova e experimentações rítmicas que ampliam as possibilidades do violão de sete cordas. Sua técnica instrumental, marcada por levadas sincopadas e harmonias complexas, influenciou gerações de violonistas e compositores. Álbuns como “Caça à Raposa” (1975), “Galos de Briga” (1976) e “Linha de Passe” (1979) definiram uma sonoridade própria, reconhecível tanto pelos arranjos quanto pela interpretação vocal grave e expressiva. Ao longo das décadas seguintes, lançou mais de 20 discos de estúdio, mantendo produção artística constante e renovando repertório sem perder identidade.

Além da parceria com Aldir Blanc, João Bosco colaborou com nomes como Paulo Emílio, Abel Silva e Francis Hime, diversificando temáticas e abordagens. Sua relação com o jazz manifesta-se tanto nas harmonias quanto na abertura para improvisação, característica que se acentua em apresentações ao vivo e formações reduzidas como a do show no Rival.

SERVIÇO

JOÃO BOSCO TRIO

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33, Cinelândia) 6 e 7/2, às 19h30
Ingressos a partir de R\$ 50

Mariene celebra o matriarcado

Cantora apresenta ‘Dona da Casa’, uma homenagem às sambadeiras do Recôncavo baiano e o matriarcado negro que construiu a cultura brasileira

Mariene de Castro retorna ao palco do Circo Voador nesta sexta-feira (6) para apresentar “Dona da Casa”, álbum lançado no ano passado que homenageia as mulheres do Recôncavo baiano e celebra a ancestralidade e o matriarcado negro. A noite conta ainda com DJ set de Laís Conti, com abertura dos portões às 20h.

O disco foi lançado simbolicamente no Dia de Nossa Senhora da Conceição e Dia de Oxum,

consolidando a conexão de Mariene com a espiritualidade afro-brasileira. Segundo a cantora, “Dona da Casa” é “a festa do matriarcado que pariu essa gente, com traços e dores tão profundas. São as sambadeiras, as mulheres ribeirinhas, que labutam pelo sustento de sua casa e ainda assim colocam suas saias rodadas e sambam com o riso escancarado e aberto, com seu canto esganiçado de labor”. A apresentação revisita as rodas de



Acervo Circo Voador

Mariene de Castro em sua última apresentação no Circo

samba do Recôncavo baiano, celebrando a história construída pelos antepassados por meio da potência vocal e da presença cênica que marcam a trajetória da artista.

Após um show de lançamento catártico na lona da Lapa, Mariene volta ao espaço para consolidar a

turnê do álbum, trazendo ao palco a energia das festas populares baianas e a memória das mulheres que sustentam comunidades inteiras com trabalho, fé e arte. O repertório passeia pelas faixas do disco, evidenciando a força interpretativa e o compromisso da cantora com a

valorização da cultura negra brasileira. (A. N.)

SERVIÇO

MARIENE DE CASTRO

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa) | 6/2, às 22h
Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

CRÍTICA DISCO | DO CARIMBÓ AO CHAMAMÉ

POR AQUILES RIQUE REIS*

Hoje trataremos do álbum “Do Chamamé ao Carimbó” (Apoio Lei Aldir Blanc e Proac)

que reuniu o Quarteto de Cordas Ensemble SP a dois dos maiores percussionistas e pesquisadores do país, o baterista Edu Ribeiro e o percussionista Ari Colares. Para tanto, os seis músicos optaram pela diversidade melódica e por ritmos percussivos, criando um panorama musical do Norte ao Sul do Brasil. Vamos às sete composições autorais do CD, que pode ser ouvido em <https://acesse.one/JZGrT>.

“Maracatim” (Maracatu/Baião – Nordeste): os violinos do Ensemble iniciam. O ritmo de Edu Ribeiro e Ari Colares vem trazendo a pegada do maracatu e do baião nordestinos. O contraste é mágico. A dinâmica entusiasma belamente a beleza do arranjo. “Canoa” (Tambor de Crioula – Maranhão): o Ensemble ataca vigorosamente. Os tambores de Crioula reagem à altura. A fortaleza da pegada é diabólica. Meu Deus!

“Cebola no Frevo” (Frevo – Nordeste): o tambor puxa e a percussão se expande. O violino achega-se com sons aleatórios, assim como fazem os ritmistas. O frevo vem de leve, com o arranjo modelando-o ao sabor da inventividade. “Dona Dindinha” (Carimbó – Norte): Eita, ritmo e cordas vêm arrasando na pujança de seus instrumentistas! E a



Quarteto de Cordas Ensemble SP

Um álbum de excelência



presença do carimbó paraense se mostra por inteiro. Um intermezzo dos ritmistas demonstra toda a sua versatilidade, em comunhão com sons indígenas e africanos – é a melhor faixa do álbum! “Mathias” (Chamamé – Sul): as

cordas iniciam delicadamente. A percussão traz o chamamé sulista. Desenhos das cordas criam um clima de tensão no arranjo, ao qual as cordas tratam de incrementar. Outra linda interpretação! “Quilombo” (Jongo – Su-

deste): o tambor arrepia a intro do jongo brasileiro. A percussão lhe dá apoio. O couro come e as cordas pontuam na atmosfera jogueira. “Carimbó Improvisado” (Carimbó – Norte): Vixe, que lá vem de novo a pujança do carimbó, com sua cadência malemolente e sensual. Os violinos se jogam no improviso e na concepção do arranjo que assume toda magnitude amazônica. Meu Deus!

Gente, os camaradas foram fundo na onda. É verdade! Olha só: a sonoridade das cordas do Ensemble, somada aos instrumentos de percussão, antes de criar qualquer tipo de inconsistência, pelo contrário, alcança enérgica identificação. A maneira desabrida com que os músicos sinfônicos buscaram aticar a sua pegada popular desaguou no alinhamento dos músicos populares que retribuíram, fazendo-se ouvir plenos. Todos correspondendo tanto às expectativas mais otimistas, quanto ao sucesso da empreitada.

Eis um trabalho a ser conferido por quem ama música. Enriqueçamo-nos ouvindo-o com toda atenção!

Ficha técnica

Quarteto de cordas Ensemble SP: Marcelo Jaffé (viola), Betina Stegmann (violino), Nelson Rios (violino) Rafael Cesário (violoncelo); Edu Ribeiro (bateria) e Ari Colares (percussão).

*Vocalista do MPB4 e escritor

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES



Divulgação

Tributo ao Rei do Pop

Conhecido internacionalmente por ser um dos maiores intérpretes de Michael Jackson, Rodrigo Teaser volta ao palco do Vivo Rio neste domingo (8) com seu tributo especial ao Rei do Pop. A produção liderada por Teaser de destaca não só pela sua performance como dançarino mas pelos figurinos, arranjos, roteirização e músicas no repertório. No setlista do show, o público vai poder se encantar com as interpretações de Rodrigo de hits de Michael como “Thriller”, “Billie Jean”, “Black or White”, “Human Nature” e “Beat It”.



Divulgação

Para Sérgio Mendes

Victor Biglione e Marcos Nimrichter apresentam show em homenagem a Sergio Mendes nesta sexta (6), às 22h30, no Blue Note Rio. O guitarrista e o pianista revisitam a obra do maestro e compositor que internacionalizou a bossa nova e a MPB, marcando a música brasileira. No palco, a dupla conta com Fernanda Santana nos vocais e Helbe Machado na bateria, recriando a sonoridade que mistura jazz, samba e influências pop. O repertório promete passear pelos clássicos que consolidaram Sergio Mendes como referência mundial.



Divulgação

Caldeirão sonoro

A Banda Eddie celebra a essência que acompanha o grupo desde sua origem em Olinda (PE). O show “Carnaval da Eddie” neste domingo (8), às 19h30, no Tetrao Rival Petrobras, resgata os grandes sucessos que marcaram sua trajetória de 35 anos do grupo com músicas nascidas da vivência intensa da banda no carnaval de sua terra natal. Uma das bandas pioneiras do Mangue Beat e indicada para o Prêmio da Música Brasileira em 2024, a Eddie vem fervendo seu caldeirão sonoro de punk rock, surf music, reggae, frevo e samba.

AFFONSO NUNES

O Cordão do Boitató sai às ruas do Centro do Rio neste domingo (8) para celebrar 30 anos de cortejo carnavalesco e marcar sua estreia no Circuito Preta Gil, na Rua Primeiro de Março. A concentração acontece a partir das 7h da manhã, em frente ao Centro Cultural Banco do Brasil, reunindo mais de 400 integrantes, incluindo 200 músicos, além das alas de estandartes, pernaltas e baianas. O retorno ao trajeto da Primeiro de Março acontece 13 anos depois que o grupo foi retirado da região por conta das obras de revitalização do Centro, iniciadas em 2012. Este ano, o cordão presta homenagens a Preta Gil, Hermeto Pascoal, Paulinho da Viola, Áurea Martins e Odette Ernest Dias.

Fundado em 1997, o Grupo Cultural Cordão do Boitató é um dos protagonistas da revitalização do carnaval de rua carioca nas últimas três décadas. Foi pioneiro na recuperação das fanfarras carnavalescas, formato que havia praticamente desaparecido das ruas da cidade. Desde sua primeira saída pelas ruas do Centro, o grupo vem atraindo dezenas de milhares de foliões anualmente. Há 20 anos realiza o Baile Multicultural da Praça XV, referência da programação de domingo de carnaval, que reúne mais de 80 mil pessoas. No ano passado, o cortejo de rua sozinho atraiu cerca de 40 mil foliões.

Reconhecido como Patrimônio Imaterial do Estado do Rio de Janeiro e condecorado com a Medalha de Mérito Pedro Ernesto em 2021 e a Medalha da Ordem do Mérito Cultural Carioca em 2022, o Boitató se diferencia por manter um modelo independente de produção. É o único grupo sem trio elétrico e sem patrocínio de grandes marcas a desfilir no circuito dos megabloques. Toda a estrutura artística e de produção é custeada pela própria organização, com apoio de uma rede de colaboradores e brincantes. “Após um longo hiato, o Boitató volta a desfilir na Primeiro de Março e arredores. São muitos anos de construção e conversas com a Rior tur para garantir um espaço que permita realizar nossas atividades de forma plena. Um trajeto que acolhe a orquestra e todos os brincantes de forma condizente com o tamanho da festa”, celebra Kiko Horta, fundador e diretor musical do grupo.

A orquestra do Boitató reúne mais de 200 instrumentistas de sopro, percussão e banjos, tocando sem amplificação eletrônica. O repertório abrange diversos gêneros da música brasileira, com sambas, marchinhas, afoxés e frevos interpretados com características específicas de cada estilo, incluindo os diferentes toques das escolas de samba e sotaques regionais. Entre as marcas registradas do grupo estão arranjos originais de Moacir Santos,



Divulgação

Um dos blocos mais irreverentes do carnaval de rua carioca, o Cordão do Boitató volta ao circuito da Primeiro de Março

O Boitató está de volta!

Após 13 anos, cordão que ajudou a revitalizar o carnaval de rua do Rio retorna ao circuito dos megabloques para celebrar três décadas de folia, mantendo formato independente e sem trio elétrico



Micael Hocherman/Divulgação

Multicultural, sem recurso de empresas privadas e cervejarias”, afirma o diretor musical.

Além do cortejo de rua, o grupo mantém a Orquestra de Palco, formação com 15 músicos que comanda o Baile Multicultural da Praça XV por mais de seis horas ininterruptas. Reconhecido como epicentro musical do Centro durante o carnaval, o baile já recebeu mais de 150 artistas e grupos nacionais e internacionais, incluindo Martinho da Vila, Marisa Monte, Teresa Cristina, João Donato, Jongo da Serrinha, Yamandú Costa, Hamilton de Holanda, Roberta Sá e os internacionais Nneka e Keziah Jones.

SERVIÇO

30º CORTEJO DE RUA DO BOITATÁ

8/2, a partir das 7h (concentração)
Rua Primeiro de Março (Circuito Preta Gil) — concentração em frente ao CCBB
Entrada franca

Villa-Lobos, Pixinguinha, Maestro Duda e Braguinha. Peças como “Coisa nº 4” e “Trenzinho Caipira” integram o repertório fixo das apresentações.

Segundo Kiko Horta, a ocupação do circuito dos megabloques por

um grupo tradicional e independente representa uma disputa simbólica pelo futuro do carnaval de rua. “Megablocko não se mede apenas por números, é preciso um olhar cuidadoso para o futuro do carnaval de rua na cidade e suas vertentes cul-

turais e ancestrais. Somos o único bloco independente a desfilir neste circuito, assim como é independente a forma como o Boitató vem realizando suas atividades, arcando com todos os custos estruturais, artísticos e de produção do Cortejo e do Baile

CRÍTICA TEATRO | HAMLET

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Direção inventiva

Há uma universalidade na famosa obra do bardo inglês que transpassa leitura política, investigando estados psicanalíticos: desejo, inveja, loucura, cuja engendrada carpintaria de William Shakespeare trafega poderosamente até hoje. Com tradução objetiva de Geraldo Carneiro, “Hamlet” é um dos projetos escolhidos pela excelente Cia Teatro Esplendor para comemorar seus 15 anos, sempre amparados por dramaturgos de tamanha relevância.

Shakespeare e Brecht não trocaram ideias, obviamente, mas Bruce Gomlevsky decreta algum diálogo entre eles. A direção perspicaz destaca-se em aproximar a plateia do ato cênico, como na era elisabetana, ecoa a questão ética e política, esfacela a ilusão do espectador, revela o espaço e seus aparatos, oferece uma visão analítica, cria rupturas como a projeção do filme/metateatro, numa acertada inspiração brechtiana.

Além disso, institui uma contemporaneidade, insuflando na encenação microfone, computador, celular, bombinha de asma – um deboche adequado o Rei

fazer uso do objeto - projetor, notificação de WhatsApp, mesclando humor e tragédia. Os atores convidam o público a dançarem a trilha deleitosa de Sacha Amback, como se estivéssemos no castelo de Elsinore. O diretor ainda presenteia-nos com a robotização das personagens Rosencrantz e Guildenstern, numa alusão à inteligência artificial. Ademais, Gomlevsky sustenta com sapiência a tragicidade shakespeariana.

O protagonista de Bruce percorre com sagacidade as matizes que o complexo Hamlet propõe, variando entre depressão, escárnio e arrebatamentos emocionais. Gustavo Damasceno desenha seu Cláudio com variações sarcásticas, depurando seu talento contínuo, Jaime Leibovitch passeia com sabedoria pela contundência de seu Polônio e diverte-nos com seu coveiro, Ricardo Lopes é bem conduzido na ótima cena em que Horácio incorpora o fantasma do Rei – outro ponto alto da concepção, que cria uma espécie de sessão espiritualista numa releitura engenhosa da narrativa. Sirléa Aleixo, Glaucé Guima, Vitor Thiré, Maria Clara Migliora, Julia Limp, Allita de Léon, Andréa Bak e Guilher-



O ator e diretor celebra 15 anos da Cia Teatro Esplendor com nova tradução assinada pelo imortal Geraldo Carneiro

me Pinel completam um elenco eficiente.

Nello Marrese cenografa com poucos elementos, expõe uma estrutura/túmulo, simboliza o trono numa cadeira gamer, facilita deslocamentos em perfeita sinto-

nia com a proposta. Maria Callou aposta em amalgamar estilos, sobressaindo-se nos belos figurinos de Ofélia, que passa pelo branco, preto e termina com a falecida num prateado brilhante. Habilidade, Elisa Tandeta exhibe ribaltas como catacumbas destampadas, como se mortos pudessem interceder no destino dos vivos, provoca sombras e movimenta o destempero de Hamlet no seu solilóquio

crucial. A montagem acentua, com ironia, o que se passa por verdadeiro, mostrando a sociedade, como vermes implacáveis!

SERVIÇO

HAMLET

Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde s/nº) Até 9/2, sábado a segunda (20h) | Ingressos: R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Relação tensionada

“Cordélia Brasil”, texto clássico de Antonio Bivar, fica em cartaz até domingo (8) na Casa de Cultura Laura Alvim, com direção de João Fonseca. Paula Goja interpreta Cordélia, mulher que enfrenta a miséria e sustenta o marido Leônidas (Antonio Pina), desempregado e apático, dividindo-se entre o trabalho como auxiliar de escritório e a prostituição. Ambientada em uma quitinete carioca, a trama investiga a opressão feminina e ganha novo tensionamento com a chegada de Rico (Pedro Pedruzzi), que desestabiliza a relação do casal.



Encenação solitária

A Cia. Ave Lola apresenta até domingo (8) montagem de “Sozinho com Romeu e Julieta” no Sesc Copacabana. Evandro Santiago interpreta um ator solitário em ateliê abandonado de teatro fechado por razões políticas. Entre bonecos, manequins e figurinos esquecidos, ele revive cenas do espetáculo que ensaiava antes da interrupção. A encenação combina teatro de objetos, manipulação de bonecos e poesia da memória, resignificando o clássico shakespeariano num espaço íntimo voltado aos bastidores e ao invisível do ofício teatral.



Sexualidade em xeque

“Tenente Seblon”, spin-off dramático de Francis Mayer inspirado em “Querelle”, de Jean Genet, fecha sua temporada no Teatro Cândido Mendes neste domingo (8). A trama acompanha um tenente, comandante de navio ancorado por uma semana no porto de Toulon. Demonstrando ternura inesperada pela tripulação, ele desenvolve paixão platônica pelo marinheiro Michel. Em relação complexa e solitária com seus desejos, grava confidências onde tenta driblar ambiguidades sobre sua sexualidade e comportamento.

vemviver + cultura

Iniciativas para aplaudir de pé e pedir bis.
Como o maior acelerador de cultura do estado, o Sesc RJ incentiva os artistas e o público por meio de uma programação variada: são shows, espetáculos de teatro, dança e circo, exposições, exhibições de filmes, atividades literárias, cursos, oficinas e muito mais. O Sesc inspira cultura, e a cultura inspira você. **Vem viver o Sesc RJ.**



VEM SABER +



sescrj.org.br/cultura
▶ portalsescrj @ sescrj f sescrj



A maior marca
de bem-estar
social do RJ

GASTRONOMIA | NATASHA SOBRINHO

(@RESTAURANTS_TO_LOVE) ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



Koral



Antiquário do Breganha



Pobre Juan

Abre-alas que a feijoada chegou!

No Rio, o Carnaval começa à mesa entre samba, feijão e muita celebração

Muito antes do primeiro confete cair no asfalto, o Carnaval carioca já dá sinais de vida nas clássicas feijoadas espalhadas pela cidade. Restaurantes, hotéis e bares entram no ritmo com almoços animados, que misturam samba ao vivo, caipirinhas geladas e a boa e velha feijoada completa, daquelas servidas sem pressa, para reunir amigos e aquecer os tamborins. Mais do que uma refeição, a feijoada de Carnaval virou ritual: um esquentar oficial para dias intensos de folia, música e encontros que só o Rio sabe proporcionar. Não deixe de conferir o roteiro abaixo:



Gruta do Fado



Hotéis Windsor



Bar do Zeca Pagodinho

ANTIQUÁRIO DO BREGANHA – A Feijoada de Carnaval em formato de buffet liberado estará disponível de 13 a 18 de fevereiro, das 12h às 16h. Assinada pela chef Helena Murucci, a receita leva carnes nobres selecionadas e servida com os acompanhamentos como: arroz branco, couve mineira refogada, farofa de alho e laranja fresca. O buffet também contempla o clássico mocotó bovino, cozido lentamente com feijão branco e linguiça paio. O valor é de R\$ 69 por pessoa e quem estiver consumindo a feijoada ainda ganha dose dupla de caipirinha. Rua São Clemente, loja 24A, Botafogo. Tel: (21) 2265-7835.

BAR DO ZECA PAGODINHO - O bar está se preparando para colocar o bloco na rua durante o Carnaval. Além de garantir boa música, a feijoada será oferecida nos dias 14, 15 e 16 de fevereiro, das 12h às 16h, em todas as unidades e na casa do Flamengo, também na sexta-feira, dia 13. Sob o comando do chef Toninho Momo, o buffet de feijoada reúne todos os acompanhamentos tradicionais, como arroz branco, torresmo,

linguiça, rodela de laranja, couve e farofa. O cardápio ainda conta com uma opção vegana: a moqueca de banana-da-terra. Os valores variam de R\$65 a R\$85, dependendo da unidade. Praia do Flamengo, 20.

GRUTA DO FADO - Durante todos os sábados de fevereiro a casa participa da Temporada de Feijoada Sabor Carioca, no VillageMall. Nesta edição, chega à mesa a feijoada de frutos do mar (R\$ 256 – para duas pessoas). Ela é preparada com feijão branco, polvo, lula, camarão, mexilhão, peixe e chouriço português, combinação que reforça a influência da culinária lusitana. O prato é servido com arroz branco e farofa panko, garantindo textura e equilíbrio aos sabores. VillageMall — Av. das Américas, 3.900 - Piso L3, loja 310-311 – Barra da Tijuca. Tel: (21) 3252-2801.

KORAL - No coração de Ipanema, a feijoada da casa está de volta e é parada obrigatória para quem busca sabor e tradição no Rio. Assinada pelo chef Pedro Coronha, a feijoada é servida aos fins de semana, no almoço,

das 12h às 16h, e reúne cortes clássicos como linguiça, paio, bacon, costela e lombo suíno, além de carne-seca. Vem acompanhada de arroz branco, couve fininha puxada no alho, farofa de alho, torresmo e vinagrete de laranja. Ao valor de R\$ 96 por pessoa, é a escolha perfeita para o fim de semana de Carnaval. Rua Barão da Torre, 446, Ipanema. WhatsApp: (21) 99513-6437.

POBRE JUAN - O restaurante apresenta a sua tradicional temporada de feijoada, durante todos os sábados de fevereiro, das 12h às 17h. A receita leva feijão preto carregado com carne seca, lombo, costela salgada, paio, linguiça fina e calabresa. Para acompanhar, farofa na manteiga, arroz branco, banana à milanesa, couve manteiga, laranja, pancetta crocante, costela de porco e torresmo. As batidas de limão ou de maracujá da casa também estão inclusas no buffet e esse ano uma novidade: torta de limão com suspiro também faz parte da experiência. O serviço será buffet e o valor é de R\$154 (por pessoa). Av. das Américas 3900, loja 301 - Barra da Tijuca. Tel: (21) 3252-2637.

WINDSOR HOTÉIS - No próximo dia 14, o hotel vai entrar na folia com a sua tradicional Feijoada Carnavalesca, que será realizada das 13h às 19h, com show de Diogo Nogueira. Durante todo o evento, será oferecido um buffet completo de feijoada com nove tipos de carnes, servidas separadamente, além de uma grande variedade de saladas, pratos quentes e sobremesas. Entre os petiscos, o famoso caldinho de feijão, costelinha suína com barbecue, bolinhos de aipim com carne seca e de feijoada, torresmo, entre outros. No pacote de bebidas, estão incluídos água, refrigerante, cerveja e caipirinha. Os valores da Feijoada Carnavalesca da Rede Windsor Hoteis são: adulto - R\$ 900; crianças de 6 a 10 anos - R\$ 450 e crianças de 0 a 5 anos, o valor simbólico de R\$ 5, desde que acompanhados por um adulto pagante. Os convidados receberão um abadá, que garantirá a entrada. Os ingressos para o evento podem ser adquiridos em: <https://windsortickets.com.br/eventos>. Hotel Windsor Oceânico – Salão Europas (Rua Martinho de Mesquita, 129 – Barra da Tijuca).

Bloco das Montadas:

história do carnaval LGBTQIA+ no DF

Publicação lança registros da trajetória do bloco carnavalesco criado em 2018

Fabio Rodrigues-Pozzebom/Agência Brasil

Por Mayariane Castro

O coletivo Distrito Drag lançou, no dia 3 de fevereiro, o livro “De Salto e Leque – Memórias Carnavalescas do Bloco das Montadas”, que reúne registros da trajetória de um dos mais importantes blocos carnavalescos ligados à comunidade LGBTQIA+ do Distrito Federal. A apresentação da publicação ocorreu no auditório 2 do Museu Nacional da República.

O livro apresenta um levantamento histórico do bloco carnavalesco, abordando seu surgimento, a organização das primeiras edições e o crescimento do evento ao longo dos anos.

A obra inclui registros fotográficos e informações sobre as atividades realizadas pelo grupo, que passou a integrar o calendário do carnaval do Distrito Federal.

Segundo dados da organização, a edição de 2024 reuniu cerca de 100 mil pessoas na área externa do Museu Nacional da República.

A publicação foi viabilizada com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF). De acordo com os organizadores, o objetivo do livro é documentar a trajetória do bloco e reunir informações sobre



O Bloco das Montadas reuniu mais de 100 mil pessoas no carnaval passado

o processo coletivo de construção do projeto, que envolve produtores culturais, artistas e colaboradores ligados à cena cultural do Distrito Federal.

Presença ampliada

O produtor cultural Emerson Lima, integrante da equipe do bloco e intérprete da drag Kelly Queen, afirma que a decisão de produzir um livro ocorreu após o crescimento do evento e a ampliação de sua presença no carna-

val da capital. Segundo ele, desde a primeira edição o bloco apresentou aumento de público e passou a ser identificado por pautas relacionadas à convivência e ao respeito durante as festividades.

A obra também reúne depoimentos de integrantes do coletivo responsável pelo bloco. A produtora cultural Ruth Vencemos, uma das fundadoras do projeto, destaca que o livro busca registrar a ocupação do espaço público durante o carnaval por

artistas LGBTQIA+ e participantes do bloco, relacionando o evento a debates sobre expressão cultural e participação social na capital federal.

Espaço de encontro

Criado com a proposta de integrar diferentes expressões culturais do Distrito Federal, o Bloco das Montadas passou a atuar como espaço de encontro durante o carnaval, reunindo artistas de diversas linguagens e

públicos distintos. Ao longo das edições, o bloco consolidou uma programação fixa no domingo de carnaval, com apresentações musicais, performances e intervenções artísticas.

A drag queen Raykka Rica, personagem interpretada pelo produtor cultural Gherald George e integrante da equipe fundadora do bloco, avalia que a adesão do público desde a primeira edição contribuiu para a consolidação do projeto.

Referência importante do domingo

Crescimento do bloco e da adesão a seus projetos justificou publicação

Na avaliação de Raykka Rica, o crescimento do evento superou as expectativas iniciais e demonstrou a receptividade do público às propostas do coletivo. Com isso, o Bloco das Montadas foi-se tornando um dos principais eventos da agenda carnavalesca do Distrito Federal.

Além da documentação histórica, o livro contextualiza a atuação do bloco dentro do cenário cultural de Brasília, relacionando o carnaval de rua às políticas culturais e às iniciativas independentes desenvolvidas no Distrito Federal.

O conteúdo aborda ainda os desafios logísticos e organizacionais enfrentados ao longo das edições, bem como o diálogo com órgãos públicos para a realização do evento.

No domingo

Para o carnaval de 2026, o bloco mantém a programação tradicional no domingo.

A apresentação está prevista para o dia 15 de fevereiro, na área externa do Museu Nacional da República. As atividades têm início a partir das 13h e incluem apresentações musicais, dança e performances organiza-



Divulgação

Livro registra história do bloco que ganhou relevância no DF

das pela equipe do bloco e artistas convidados.

Além do livro, a trajetória do Bloco das Montadas tam-

bém foi registrada em formato audiovisual. O curta-metragem “Glitter Carnavalesco”, com roteiro e direção da cineasta

Marla Galdino, foi lançado em 2023 durante a programação do 56º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

O filme apresenta recortes da história do bloco e registros do carnaval de rua na capital federal.

Com o lançamento de “De Salto e Leque – Memórias Carnavalescas do Bloco das Montadas”, o coletivo Distrito Drag amplia o registro documental de suas atividades e contribui para a preservação da memória do carnaval de Brasília, reunindo informações sobre um dos blocos que integram a programação oficial da festa na cidade.

SEXTOU! UM DF DE

CARNAVAL

Capela Imperial: 50 anos
*A escola de samba Capela Imperial comemora 50 anos neste sábado, a partir das 14h30, em Taguatinga, com festa gratuita em frente à sua sede, no Setor J Norte. A celebração contará com apresentações de Samba do Camelo, Karika com K, Sandrinho Amor Maior, Milsinho e da bateria Chapa Quente. A ação integra o projeto Distrito Criativo, parceria do Distrito Drag com a Secec-DF, e celebra a trajetória de uma das agremiações mais tradicionais do DF.

Carnaval Monumental
*Quem quiser curtir o Carnaval de Brasília em um só lugar pode ir à Plataforma Carnaval Monumental, no Museu Nacional da República. De 14 a 17 de fevereiro, seis blocos ocupam o espaço com programação gratuita, celebrando diversidade, cultura popular.

Carnaval CCB
*Em fevereiro, o Rolê Cultural – CCB Educativo convida o público a vivenciar o CCB Brasília como um circuito vivo, com mediações, oficinas, atividades acessíveis e encontros que atravessam exposições, arquitetura e patrimônio. A programação inclui ações para a primeira infância, oficinas criativas com temática carnavalesca, visitas temáticas, atividades com LBRAS e contação de histórias. A entrada é gratuita, com ingressos pelo site bb.com.br/cultura ou na bilheteria.

Bloquinhos do Venâncio
*Para celebrar o Carnaval, o Venâncio Shopping realiza o Bloquinho Divertido no dia 7, sábado, das 13h às 17h30, com entrada gratuita. A programação reúne atrações musicais, brincadeiras, pintura de rosto, desfile de fantasias e show da cantora Mayara Dourado, além de pipoca e algodão-doce. O evento acontece em ambiente coberto e seguro, com atividades pensadas para toda a família.

TEATRO

Espectáculo musical
*A CAIXA Cultural Brasília apresenta, de 5 a 13 de fevereiro, o musical infantil “Bertoldo, O Tubarão Que Queria Ser Gente”, da Buia Teatro, com entrada gratuita. Inspirado em texto de



Capela Imperial comemora 50 anos



Venâncio Shopping realiza Bloquinho

Bertolt Brecht, o espetáculo é uma fábula musical que aborda empatia, poder e humanidade sob o olhar das crianças. A montagem reúne música ao vivo, formas animadas.

Agrupação Teatral
*Estreia no dia 1º de fevereiro a websérie “2+2=5”, adaptação da Agrupação Teatral Amacaca da obra “1984”, de George Orwell. Com 10 episódios gratuitos lançados diariamente até o dia 10, a produção apresenta uma distopia ambientada em um futuro dominado por vigilância,

manipulação e tecnologias de controle. O projeto é dirigido por Santiago Dellape e realizado com recursos do FAC-DF.

Deu Match
*Deu Match é uma comédia leve e divertida estrelada por Saulo Pinheiro e Louise Pierosan, talentos em ascensão na internet. O espetáculo reúne 10 esquetes independentes que exploram, com humor e sensibilidade, diferentes facetas do amor, da amizade e dos relacionamentos, fugindo de estereótipos preconceituosos. Com



Musical “Bertoldo, o Tubarão que queria ser gente”

química, energia e espontaneidade — fruto de uma parceria que já soma mais de 50 milhões de visualizações nas redes —, os atores prometem risadas e reflexão ao público.

EXPOSIÇÃO

“Arte brasileira”
*Entra na reta final no CCB Brasília a exposição Uma história da arte brasileira, em cartaz até 8 de fevereiro. Com cerca de 100 obras do acervo do MAM Rio, a mostra reúne diferentes gerações e linguagens da arte

moderna e contemporânea em um percurso cronológico que atravessa o Modernismo, o Concretismo, as experiências dos anos 1960 e 1970 e a produção recente. Gratuita e com classificação livre, a exposição oferece ao público a última chance de ver de perto obras de nomes centrais da arte brasileira e vivenciar uma experiência formativa e reflexiva.

SHOW

Bahia para o mundo: DJ Cady
*Com mais de 15 anos de car-

Pedro Magalhães

Divulgação

Maria Haydée

OPÇÕES DE LAZER

POR: REYNALDO RODRIGUES - CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM



Cineasta brasileira lança o Sonário da Terra



"2+2=5" da Agrupação Teatral Amacaca (ATA)



"2+2=5" da Agrupação Teatral Amacaca (ATA)



"2+2=5" da Agrupação Teatral Amacaca (ATA)



Manu Chao desembarca em Brasília para show acústico

reira, DJ Cady é um dos nomes de destaque da música eletrônica brasileira no cenário internacional. Nascida em Salvador, a DJ, cantora e produtora já tocou para milhões de pessoas no Réveillon de Copacabana, apresentou-se no Earthshot Prize do Príncipe William e levou sua música a mais de 14 países. Seus sets transitam entre disco e house, com brasilidade, vocais marcantes e leitura de pista precisa. Reconhecida pelo carisma, técnica e identidade autoral, DJ Cady une música, moda e consciência em performances que transformam cada show em experiência.

Bloco Eduardo e Mônica

✱O Carnaval já começa no Brasília Shopping com o Abre-Alas, no domingo, 8 de fevereiro, das 12h às 18h, na área externa do shopping. A programação reúne música, inclusão e diversão para todas as idades.

Das 12h às 14h, a Folia Inclusiva, com a equipe da PIPA, oferece um ambiente acolhedor para crianças e adolescentes atípicos. À tarde, a Banda Patubatê traz percussão criativa e interação com o público, e o encerramento fica por conta do Bloco Eduardo e Mônica, que transforma clássicos do rock de Brasília em batucada. Entrada gratuita e classificação livre.

Manu Chao no DF

✱Manu Chao se apresenta em Brasília no dia 21 de fevereiro de 2026, às 18h, na Nova Biroasca, no Conic, com o show no formato "Ultra Acústico". A apresentação faz parte da turnê pelo Brasil e reúne sucessos marcantes da carreira, além de músicas do álbum Viva Tu (2024), que marca o retorno do artista ao estúdio após 17 anos. Com forte carga social e multicultural, o disco traz canções em vários idiomas, incluindo o destaque São Paulo

Motoboy, cantada em português e dedicada aos entregadores urbanos.

PROJETO

Cineasta lança o Sonário da Terra

✱Idealizado pela cineasta e diretora de som Camila Machado, Sonário da Terra é uma biblioteca sonora digital que reúne sons do cotidiano de comunidades rurais do Distrito Federal. Gravado em 2023 no Assentamento Pequeno William e no Acampamento 8 de Março, em Planaltina (DF), o acervo apresenta cantigas, histórias, sons da natureza, do trabalho na terra e da vida comunitária. Produzido com participação de jovens das próprias comunidades, o projeto valoriza o patrimônio cultural imaterial do campo e está disponível gratuitamente em sonario.com.br, com licença Creative Commons.

Seminário "Jornada do Cordel"

✱O Seminário Jornada do Cordel – Patrimônio Cultural do Brasil acontece em 6 de fevereiro de 2026, das 9h às 17h30, no auditório do Iphan, em Brasília. O encontro promove um balanço crítico sobre a salvaguarda da Literatura de Cordel, reconhecida como patrimônio imaterial, discutindo desafios, políticas públicas, educação e diversidade. A programação reúne cordelistas, pesquisadores, professores e gestores culturais em mesas temáticas.

Por Mayariane Castro

O documentário “Na Minha Terra, Carnaval é Religião”, primeiro longa-metragem do cineasta brasileiro Rodrigo Resende Coutinho, será lançado em sessão especial no Cine Brasília nesta sexta-feira (6).

A programação tem início às 19h30, com apresentação do Batuque da Orquestra Alada Trovão da Mata, grupo ligado ao Seu Estrelo, e segue às 20h com a exibição do filme. Os ingressos custam R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 (meia).

O longa acompanha o crescimento, a organização e a regulamentação do carnaval de rua brasileiro em Lisboa, capital de Portugal, a partir da atuação de artistas e blocos formados majoritariamente por imigrantes brasileiros. Filmado entre 2024 e 2025, o documentário registra ensaios, reuniões, bastidores e cortejos de grupos como Baque do Tejo, Baque Mulher, Palhinha Maluca, Lisbloco e Pandeiro LX, que atuam na capital portuguesa.

Calendário oficial

A narrativa do filme se concentra em um período considerado decisivo para o carnaval de rua em Lisboa. Em 2025, a cidade passou a reconhecer oficialmente os desfiles como manifestação cultural, incorporando-os ao calendário oficial.

O processo de regulamentação e seus impactos para os grupos envolvidos são apresentados ao longo do documentário, a partir de depoimentos e registros do cotidiano dos blocos.

Além da estreia em Brasília, o documentário terá novas exi-



Baque do Tejo: carnaval unifica identidade brasileira em Lisboa

A carne de carnaval atravessou o mar

Documentário mostra como o samba ajuda a unificar brasileiros em Portugal

bições em Portugal. No dia 6 de fevereiro, o filme será apresentado na Universidade do Porto. Já no dia 12 de fevereiro, será exibido no Bota – Base Organizada Toca das Artes, em Lisboa, integrando o calendário oficial do carnaval da cidade. Esta será a quarta exibição do filme na capital portuguesa.

Tradições brasileiras

O filme reúne relatos de

músicos, regentes e integrantes de blocos que discutem a experiência de manter tradições culturais brasileiras fora do país de origem. Segundo dados do Itamaraty citados no documentário, cerca de 500 mil brasileiros vivem atualmente em Lisboa, contexto que contribuiu para a formação de mais de 20 grupos carnavalescos na cidade.

Ao longo do filme, os en-

trevistados relatam a relação entre o carnaval e a construção de vínculos comunitários entre os imigrantes, além das dificuldades enfrentadas para ocupar o espaço público. O documentário aborda questões como a ausência de regulamentação da arte de rua, exigências burocráticas e a relação dos blocos com o poder público antes do reconhecimento oficial.

Ato de resistência cultural e política

Mobilização dos migrantes brasileiros discute ocupação de espaços culturais e políticos de estrangeiros

Rodrigo Resende Coutinho afirma que a motivação para o filme surgiu a partir da observação do papel do carnaval na vida dos brasileiros que vivem em Lisboa. Segundo o cineasta, o envolvimento dos grupos com o carnaval ultrapassa o entretenimento e se relaciona diretamente com redes de apoio, pertencimento e organização coletiva.

Articulação política

O diretor também registra no filme o processo de articulação política dos blocos diante dos desafios impostos à realização dos desfiles. A obra acompanha reuniões e debates internos dos grupos, evidenciando a mobilização em torno do reconhecimento cultural do carnaval de rua na cidade.

O documentário estabelece ainda um paralelo entre Lisboa e Brasília, relacionando as disputas pelo uso do espaço urbano nas duas capitais.

A partir dessa comparação, o filme discute o carnaval como prática cultural ligada à ocupação das ruas e à convivência nos espaços públicos.

Antes da estreia em Brasília, “Na Minha Terra, Carnaval é Religião” passou por festivais e mostras internacionais. Em janeiro, integrou a programação do Film Invasion Lima, no Peru, com exibição no dia 29. O longa também está confirmado no All That Moves International Film Festival, em São Paulo, no dia 11 de abril. Em 2024, o filme participou de eventos como o Brazil New Visions Film Fest e o Pupila Film Festival.

A sessão no Cine Brasília marca a primeira exibição do documentário em tela grande para o diretor. A apresentação ocorre na Sala Vladimir Carvalho, espaço dedicado ao cinema brasileiro. Assim, o filme amplia sua circulação nacional e internacional.



Quando o carnaval vira afirmação cultural e política



Pixar 40 anos: AO INFINITO E ALEM!

Responsável por **revolucionar o mercado das animações mundiais**, introduzindo e desenvolvendo a **tecnologia do 3D** nos cinemas, a **Pixar completou 40 anos** de fundação nesta semana. Dono de clássicos como as franquias **“Toy Story”**, **“Procurando Nemo”**, **“Carros”**, **“Monstros S.A.”**, **“Divertida Mente”** e muitas outras, o estúdio chega a 2026 com mais uma animação original, **“Cara de Um, Focinho de Outro”**, e **“Toy Story 5”**. Conheça as origens de um dos **estúdios mais criativos da história** do cinema. **Páginas 2 e 3.**